PINTADO

O PINTINHO TRAVESSO

GILSON MARTINS

virtualbooks

PINTADO

O PINTINHO TRAVESSO

GILSON MARTINS

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria imensamente de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições:
Vbooks02@terra.com.br
Estamos à espera do seu e-mail.

www.terra.com.br/virtualbooks

PINTADO

O PINTINHO TRAVESSO

GILSON MARTINS

No sítio do tio Bigode na Tonga da Mironga do Beleléu há muitos animais: vaca e bode, tartaruga e porco, carneiro e marreco, cavalo e gato, cachorro e pato. Entre estes se destaca uma família muito simpática: dona galinha Carijó, seu companheiro o galo Zagalo (zarolho, cego do olho esquerdo) e seus seis filhotes. Mamãe-Carijó e papai-Zagalo fazem de tudo para criar e educar a ninhada. Bastante zelosos e amorosos, estão sempre alerta para proteger os filhos dos lobos guará, das raposas e dos gatos. A qualquer ameaça de um destes inimigos os pintinhos correm em disparada para o abrigo sempre seguro: as asas maternas. Um dos filhotes é uma gracinha, todo amarelinho, cheio de pintinhas. Por este detalhe é conhecido como Pintado. Este bichinho é muito travesso e desobediente, está sempre em apuros.

Numa noite de lua cheia, Pintado com semblante curioso perguntou a mãe:

- Mãe, o que é aquilo que de vez em quanto brilha bem longe, lá no estradão?

- São os olhos dos carros, os faróis. São eles responsáveis pela iluminação dos veículos nas estradas durante a noite.

Pintado sonhava em arranjar um jeito de fazer um passeio de automóvel, de qualquer jeito, nem que fosse na caminhonete do proprietário do sítio.

- Mãe, eu quero viajar de carro... Aposto que é o maior barato! - exclamou o pintinho com os olhos piscando como os faróis.

- Filho esqueça esta tolice. Carro é coisa de humano. Não faço nenhuma loucura, fique sempre perto de seus pais e longe do perigo. Vá brincar com seus irmãos.

Pintado não deu ouvido as sábias palavras da mãe. Assim que

os pais cochilaram, saiu de mansinho, pé ante pé, até ao celeiro. Penetrando pelo pará-vento da caminhonete, pôs-se a observar tudo, cada detalhe, como se estivesse encontrado o mundo mágico. Era tudo encantado, tudo fantasia para o franguinho. Agitava-se de um canto para o outro, escorregava pela poltrona vermelha toda rasgada, dançava sobre o volante ao som de uma música sertaneja que vinha pelas ondas do rádio... Ficou embasbacado quando deu de frente com um espelho e viu um ser igual a ele, exclamou: - "Se eu não fosse muito macho diria que este sujeito é bonito!..." quando de repente apareceu um homem gordo com um farto bigode, tragando um longo charuto. Abriu a porta com estupidez, ligou o motor e a sucata partiu em velocidade. Tio Bigode enxergava muito pouco: "Alguém já dissera que ele era o único motorista cego, o verdadeiro Mr. Magoo". Ele nem percebera a presença do pinto que vibrava de contentamento, bem ao seu lado. Após alguns quilômetros, numa curva o carro deu uma freada brusca e o pintinho, com o impacto, foi arremessado para longe, indo de encontro com as águas gelada do lago azul. Quase morreu afogado. Foi salvo por um pescador. Quando o pescador lançou o pequeno gancho para fisgar alguns peixinhos, foi logo fisgando o pintinho pela asinha. O pescador o desprendeu do anzol e o soltou em terra firme. Todo encharcado, distante da família, completamente perdido, piava desesperadamente pela mãe. Coitado do Pintado! Adentrou pela mata a procura do caminho do galinheiro, com saudade do doce poleiro. Cansado de tanto correr inutilmente, parou para descansar e recostou o frágil corpinho em algo macio como pelúcia. Que desastre! Estava deitado sobre a pança do gato do mato, conhecido como o famoso pé-de-cabra, por motivo de ter as patas semelhantes às das cabras. Que susto! O coraçãozinho do bichinho quase saltou pelo bico. Arriscou-se a fugir, mas caiu na real, estava sitiado.

- Ora, ora! O que vejo: um pintinho ensopado tão petitoso! Vou prepará-lo numa sopa de lamber os beiços. Apesar de ser muito magrelo... Parece até que estou delirando! - exclamou o gato, esfregando as patas dianteiras de contentamento.

Era necessário fazer algo urgente para sobreviver. Pintado não encontrou outra saída, bolou uma pegadinha muito estranha:

- Coma-me, depressa! Já não encontro nenhum sentido nesta vida... - murmurando, quase chorando – Vamos, faça-me este favor, senhor pé-de-cabra...

- Pé-de-cabra é a mãe, seu filhote de cruz-credo! Meu nome é Leonel, entendeu! - irritado, gritou o gato – É a primeira vez que vejo

um pinto pedindo para ser deglutido. É estranho! Que bom se sempre fosse assim! Há horas que não papo nada. Será um bom tira gosto!

- Chega de tanta conversa tola! Já não suporto tamanho sofrimento... Acabe logo comigo, não quero mais viver nem um minutinho neste mundo cruel. Sou apenas ossos e algumas penas, abandonado pela família – disse Pintado, chorando.

- Pare de chorar seu verme! Afinal, eu ainda tenho sentimentos! Qual a razão de tamanha amargura? - perguntou Leonel, girando em volta do pinto – Diga-me!

- Estou gravemente doente! Sofro de uma moléstia incurável, que faz cair os dentes e as penas. Olhe para minha boca, já não tenho nenhum dente...

- Quem lhe disse esta bobagem?

- Foi o doutor, veterinário do sítio aonde morra meus pais. Ele disse ainda que é uma doença muito contagiosa.

Pé-de-cabra foi se afastando e comentou:

- Não posso ficar assim... Se eu perder as penas não há problemas, pois tenho é pêlo, mas se eu perder os dentes como poderei deglutir os bichinhos de asas? Terei que comer mingau! Miauuu, miauuu... detesto mingau!

- Não fuja seu covarde, venha me comer...

- Oh, louco! Posso até ser covarde, mas não burro! Quero é viver, viver para sempre.

Leonel retirou-se rapidamente, mais à frente numa encruzilhada, bateu de focinho com de seus primos, Virgulão.

- O que há mano velho... porque está com estes olhos esbugalhados? - perguntou Virgulão.

- Nem diga, acabei-me de escapar de um pintinho...

- Ah, rah, rah... (Virgulão rolava de rir) Eu já sabia que você era frouxo, mas assim, nem tanto. Se seus pais fossem vivos eles teriam vergonha de você! Onde já se viu gato fugir de um pintinho, nem nos desenhos animados!

- Não é nada disso, seu filho de uma gata... - irado, gritava Leonel.

- Olha como está falando... com quem está falando...

- Que nada, seu bunda seca. Vou dar um soco bem no meio de sua cabeça de merda! Olha que tenho quatro vidas ainda, só morri três vezes; ao contrário de você que já perdeu seis vidas. Cuidado! Só lhe resta uma pra você ir definitivamente para o saco.

- Logo você que tem medo de pinto vai fazer um galo na minha cabecinha de algodão... (Virgulão tinha o pêlo todo branco como a

neve). Olha, você vai me matar de tanto rir... É o fim da picada, ou melhor: da bicada!

Por muito pouco quase acontece uma tragédia em família. Depois de muito disse e não disse, Leonel conseguiu contar todos os fatos ao primo. Ai é que Virgulão endoidou de vez. Não parava de rir nem para respirar, com muito custo conseguiu falar:

- É o que eu sempre digo, você é mesmo um trouxão... Onde já se viu primo, aves ter dentes, elas têm bico.

- Leonel, com cara de tacho, redonda de vergonha, explodiu de ira, bradando pelos quatro cantos da terra:

- É... verdade! Como sou idiota caindo neste conto de carochinha! Vou procurar aquela peste maldita e esganá-lo, devorá-lo com toda fúria de minha vida.

- Bravo, primo! Salve a reputação dos felinos. E demais, somos uma família gaúcha, os gatos gaúchos são machos pra chuchu! Pelo menos eu acho!

- Leonel saiu em disparada como um torpedo em ação. Reencontro o pinto no milharal, ciscando. Leonel deu o pulo do gato sobre o frangote e agarrou-o com violência.

- Malandrinho... Acha que pode passar a perna no magnífico Leonel? Vou reduzí-lo a pó, só com uma das minhas patas! - gritou o gato no ouvido do pintinho, quase o deixando surdo.

Leonel preparava-se para levá-lo até a sua bocarra cheia de dentes afiados, o pintinho fechava os olhos de medo, despedindo-se da vida... Quem poderá salvá-lo?! Mais rápido que um raio, entre as folhagens surgiu a supermãe Carijó, voando para o combate mortal. Não ouve nem conversa, o duelo dos titãs foi terrível. Subiu poeira, pêlo e pena por todo os lados. No golpe final, dona Carijó afinou o bico e deu uma bicada no meio da testa do adversário que ficou atordoado, saltando o pintinho, nocauteado, tombou o corpo no chão. Dona Carijó arrastou o filhote pelas asas de volta ao aconchego do lar. Soube-se mais tarde que o Leonel não morreu, mais ficou tantã. Ele acha que é um passarinho e passa o dia todo tentando voar e adora mingau. Não come mais nenhum bichinho, tornou-se vegetariano.

No dia seguinte, recomposto de todo susto, Pintado conversa com a sua heroína:

- Mãe, como conseguiu vencer o pé-de-cabra se até o pai levou uma surra danada do maldito?

- Sinceramente não sei, querido. Só sei que por você eu faço qualquer sacrifício – disse dona Carijó, abraçando o filhote. - Por minhas crias sou capaz até de carregar água numa peneira!

- Mãezinha prometo nunca mais desobedecê-la e ser um exemplo de filho aos meus irmãos – disse Pintado de cabeça baixa, brincando com uma minhoca.

- Você pode ter a certeza que vai levar algumas boas bicadas e esporada de seu pai... Ele está bastante desapontado com o seu sumiço de ontem.

- Mãe, devo confessar: não gostei nadinha deste tal de carro, balança e pula demais – prosseguiu Pintado, observando o céu. - Agora eu sonho é voar naquele galináceo de aço que voa pertinho de Deus! Piuuu... piuuu...

Sobre o Autor e sua Obra

GILSON MARTINS

Nasceu em Minas Gerais a 15.07.1961. Gosta de escrever contos infanto-juvenis. Trabalhou 20 anos como Serralheiro.
No dia 29.11.1999 foi acometido de um grave acidente de trabalho. Por muito pouco não teve o braço esquerdo dilacerado por uma lixadeira. Impossibilitado para o trabalho, passa o tempo escrevendo. Na tragédia abriu-se uma porta de sonhos e imaginação sem fim. Sempre residiu em Belo Horizonte.

Para corresponder com GILSON MARTINS, escreva:
gcb1@ig.com.br